

POR FAVOR LEIA COM ATENÇÃO

COMO GUARDAR O TEXTO

Para guardar este texto (incluindo dados adicionais) seleccione a opção GUARDAR (em inglês, SAVE) no seu browser (Explorer, Navigator...), dentro do menu FICHEIRO (em inglês, FILE).

Na opção GUARDAR COMO (em inglês, SAVE AS), também no menu FICHEIRO, poderá guardar o texto e atribuir um novo nome.

COMO IMPRIMIR O TEXTO

Para imprimir este texto (incluindo dados adicionais) seleccione a opção IMPRIMIR (em inglês, PRINT) no seu browser, dentro do menu FICHEIRO (em inglês, FILE).

Também poderá aceder a esta função seleccionando o botão de impressão (com a imagem de uma impressora), disponível na barra de ferramentas.

NOTA IMPORTANTE

Para voltar ao artigo não feche esta janela. Utilize o botão do browser RETROCEDER (em inglês, BACK), situado no lado esquerdo da barra de ferramentas.



Mohandas Karamchand Gandhi, dito o *Mahatma*

João Maria Mendes *

Janus 2007

Gandhi (Mohandas Karamchand Gandhi, dito o *Mahatma* – “alma grande” no antigo sânscrito) é apresentado, desde bem antes da sua morte em Janeiro de 1948, ora como pai da independência da Índia e grande reformador social, ora como um dos líderes espirituais mais influentes do séc. XX, ora como reinventor de práticas de intervenção social e política originais que viriam a marcar o futuro das militâncias pacifistas em todo o mundo: a desobediência civil, que aprendeu nos textos do americano Henry Thoreau, a resistência não-violenta, a *satyagraha* (*satya* significa verdade, *agraha* tomada de posse), a *ahimsa* (recusa de fazer o mal). “*Experiência da verdade*” foi, aliás, o título que deu à sua autobiografia. Louis Massignon, seu biógrafo, prefere traduzir *satyagraha* por “reivindicação cívica da verdade”.

A sua notoriedade internacional adveio, decerto, do polimorfismo coerente da sua história de vida: Gandhi foi, para o observador político ocidental, simultaneamente um “*sage*” e um “*maître à penser*”, um “director de consciências”, um místico, um líder político visionário e carismático, um resistente e um exemplo de pobreza militante: uma conjugação de traços que de algum modo ilustra o *filósofo-político* da *República* de Platão, mas que, no mundo contemporâneo, só o Oriente poderia engendrar, dada a simbiose entre metafísica e ética na maioria do pensamento oriental.

Gandhi foi, assim, uma personalidade sincrética, que associava ascese e dietética à defesa do *khadi* (tecido de algodão artesanal com que confeccionava a sua roupa) e à “purificação moral”. Aos 50 anos, em pleno combate independentista contra o Império Britânico, ele definia-se a si próprio como um “idealista prático” (*Hind Svaraj*, 1920). Esse utopismo-de-pés-na-terra é outro traço marcante do seu carácter e da sua prática política, frequentemente não compreendido pelos seus amigos e aliados do Partido do Congresso: doutrinador inflexível e obstinado, foi igualmente um negociador disposto às mais amplas concessões, como no Pacto de Delhi de 1931, em que acorda com o vice-rei Irwin a suspensão da desobediência civil e aceita participar, em Londres, na II Conferência sobre a Independência da Índia, que redundou num fracasso total.

Essa dualidade – de um lado o espírito reformador sempre na ofensiva, do outro uma igualmente forte tendência prática para a conciliação, exprime a *satyagraha* e a *ahimsa* que o moldaram desde a juventude. E ajuda a entender as circunstâncias da sua morte violenta: no tumulto que se seguiu à independência da Índia, declarada a 16 de Agosto de 1947 em simultâneo com a secessão paquistanesa, Gandhi, hindu defensor de uma *mãe pátria* abrangente, e que via a separação do Paquistão como uma “*vivisseccão*”, pedindo à maioria hindu a maior tolerância em relação à minoria muçulmana, suscitou ódios entre hinduístas, acabando assassinado a tiro por um deles, cinco meses depois.



Iniciação sul-africana

Gandhi nasceu *vaisya* (casta de mercadores), em 1869, de uma família da burguesia administrativa de Porbandar (Gujarat), um principado de que seu avô e pai foram primeiros-ministros. Estuda Direito em Londres e volta à Índia em 1891 jovem advogado, mas as dificuldades do início de profissão fazem-no aceitar um convite para trabalhar na África do Sul – e é aí, num país marcado pelas desigualdades sociais e pela exclusão racial mais extrema, que vai nascer o futuro *Mahatma*: Gandhi assume a defesa da comunidade indiana, cívica e politicamente desprezada, ao mesmo tempo que combate, no seu seio, pela sua auto-regeneração moral. Lutas contra a anulação dos casamentos não-cristãos, pelos direitos eleitorais dos indianos, contra a restrição dos direitos migratórios, contra a segregação social e racial, marcam a agenda dessa “iniciação” sul-africana. Pessoalmente, aprofunda as suas convicções e caminho religioso. De jovem influenciado pelo *sermão da montanha* da Bíblia cristã, pelo *Bhagavad-Gita* (que citará até ao fim dos seus dias), pelo *Até ao último* de John Ruskin, por *A salvação está em vós* de Tolstoi e por *A desobediência civil* de Thoreau, Gandhi passa a ser um jovem advogado activista dos direitos cívicos, um agitador que sonha com reformas sociais e um hindu defensor da *pureza* como via espiritual.

Regressa à Índia em 1915 e, em cinco anos, vai tornar-se na principal personalidade da regeneração e da autonomia nacional contra o Império Britânico. Os seus primeiros combates a favor de trabalhadores rurais põem em prática a desobediência civil, a não violência e o jejum como armas políticas e sociais. Em breve, dará forma ao movimento *Swades* (ou *Swadeshi*), cuja palavra de ordem é “prefira indiano, compre indiano”, e que promove o consumo urbano de produtos tradicionais e artesanais em nome da identidade nacional (*swadesh* significa *si próprio*). Os seus objectivos são claros: luta contra a desigualdade cidade / campo, reabilitação da produção manual massiva, criação de emprego em meio rural com base em actividades enraizadas, combate ao comércio e à organização do trabalho imposta pelos ingleses, e que perpetua uma plêiade de discriminações negativas.

A sua vocação de reformador social exprime-se igualmente na defesa dos direitos cívicos e políticos dos intocáveis, ou, mais globalmente, contra a intocabilidade – um combate que sustentou durante décadas, apesar de Gandhi nunca ter posto em causa o sistema global das castas nem a ideia de *homo hierarquicus* em que ele assenta. A defesa dos *dalit*, ou das castas desprovidas de qualificação política, económica e social, envolveu também confrontos directos com o Império, sobretudo quando, em 1932, Londres conseguiu impor cadernos eleitorais separados para os intocáveis.

Duas campanhas

Seria precisamente no confronto contra os britânicos – que explode com o estado de excepção e as chacinas de 1919 e só termina com a retirada da Grã-Bretanha da Índia – que Gandhi viria a ganhar a aura internacional de líder independentista. De entre as esgotantes etapas desse confronto e os seus incontáveis episódios, sobressaem os anos da II Guerra Mundial, porque Londres declara a Índia em “estado de guerra” e os nacionalistas respondem que só um país independente



participaria, por decisão própria, em acções militares contra as potências do Eixo. Mas, ao mesmo tempo, Gandhi extrema a sua doutrina da não-violência, gerando clivagens de grande profundidade no campo independentista. Em 1942, lança o seu imparável “*Quit India*”, subindo a parada anti-britânica para um clima de confronto final. É preso enquanto a repressão brutal dispara nas ruas. Só será libertado em 1944.

Finda a Guerra, o governo do *Labour* admite, em Londres, o início do processo de independência. Mas, na Índia, o combate anti-britânico já foi substituído pelo crescendo da violência inter-religiosa entre a maioria hindu e a minoria muçulmana, e Gandhi tem de renascer para a campanha pela tolerância religiosa. Em vão: mal a independência é assumida, tumultos entre os dois grupos fazem 5000 mortos em Calcutá.

Na perspectiva da história das independências do séc. XX, o *Mahatma* é uma das principais figuras dos movimentos nacionalistas, o homem que derrotou o Império Britânico. Mas para as contraculturas que marcaram a opinião pública ocidental, e claramente ao longo das décadas de 60 e 70, ele é sobretudo o estratega da desobediência civil e da não-violência como armas do combate de rua, ou o líder espiritual capaz de fazer a ponte entre a resistência popular prolongada e a ascese individual. O agitador político funde-se com o autor das *Cartas ao Ashram*, o seu testamento de *satyagraha*.

*** João Maria Mendes**

Licenciado em Filosofia pela Universidade de Lovaina (Bélgica). Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa. Docente na Escola Superior de Cinema e Teatro e na Universidade Autónoma de Lisboa. Subdirector do Observatório de Relações Exteriores da UAL.



Infografia

